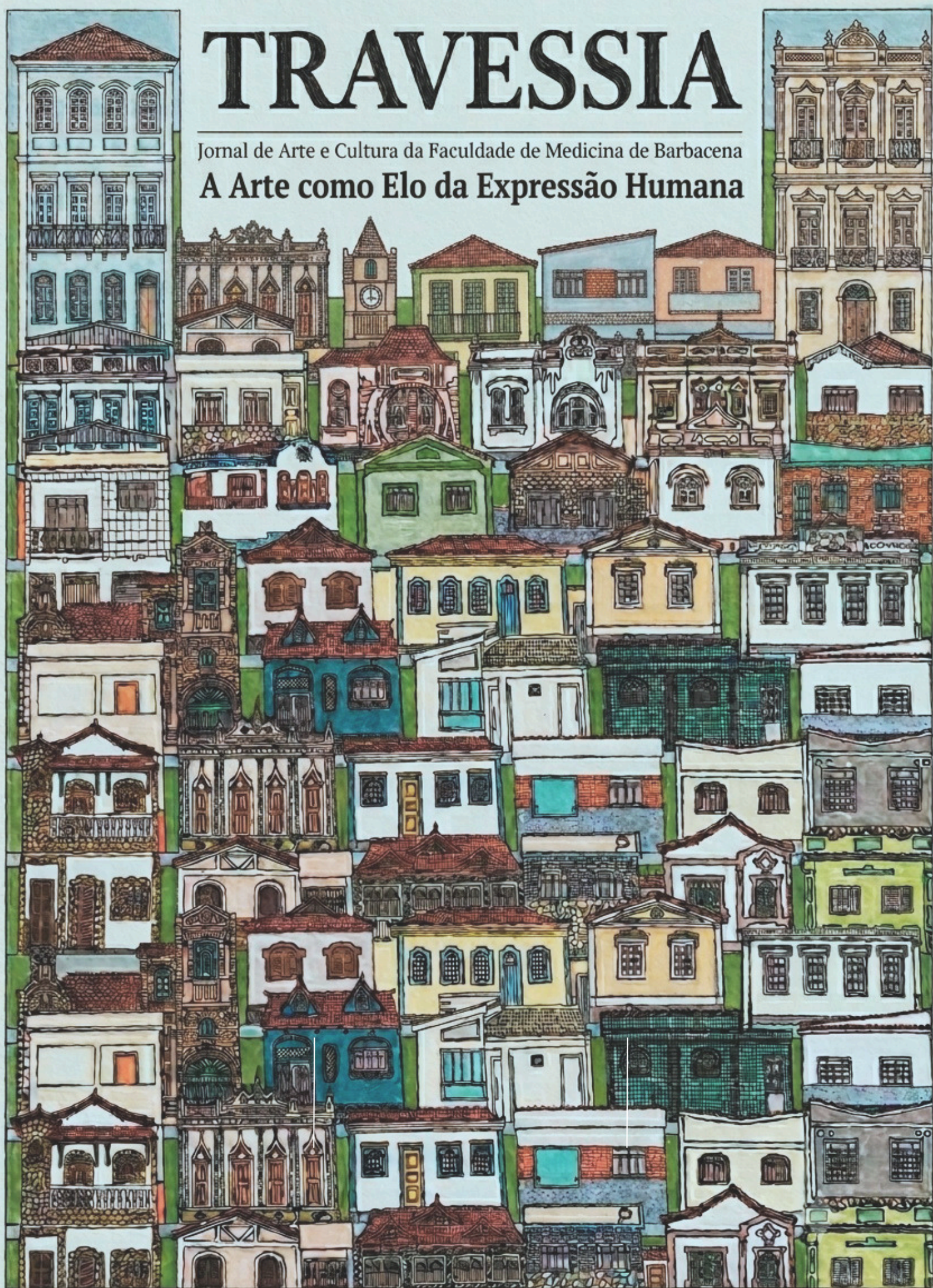


TRAVESSIA

Jornal de Arte e Cultura da Faculdade de Medicina de Barbacena
A Arte como Elo da Expressão Humana



Edição VI - Barbacena, junho de 2026.

SOBRE O ILUSTRADOR DA CAPA

Meu nome é Victor Hugo Paolucci Vieira. Sou arquiteto, urbanista e desenhista. Nasci em São João del Rei (MG) e me mudei para Barbacena antes de completar um ano de idade, cidade onde meus pais e familiares são naturais e onde resido desde então.

Ainda na infância, desenvolvi interesse pela arquitetura, especialmente pela arquitetura religiosa. Foi também nessa época que comecei a fotografar templos em Barbacena e em municípios da região. Com o passar dos anos, esse trabalho cresceu significativamente: atualmente, já visitei 21 estados brasileiros, além do Distrito Federal, cerca de 1.500 municípios e aproximadamente 10.000 igrejas.

Em 2021, formei-me em Arquitetura e Urbanismo pela UNIPAC - Universidade Presidente Antônio Carlos. Como resultado do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), escrevi e publiquei, em 2022, o livro "100 Templos de Barbacena". Posteriormente, dei continuidade à minha formação acadêmica, concluindo, em 2025, a pós-graduação em História da Arquitetura e Urbanismo pela FACCREI - Faculdade Cristo Rei.

Após a publicação de "100 Templos de Barbacena" e diante da receptividade positiva do público surgiu, em 2024, a ideia de desenvolver um novo trabalho voltado à cidade de Juiz de Fora, em conversas com o escritor Ramón Brandão, natural do município. Atualmente, esse livro encontra-se em fase de finalização e apresentará 150 templos de Juiz de Fora, além de três glossários dedicados aos estilos arquitetônicos, aos termos técnicos e aos termos religiosos.



Além da escrita, também sou apaixonado pelo desenho, especialmente de templos e cidades. Já desenhei mais de 6.000 igrejas em miniatura e diversas cidades, também em miniatura. Neste ano, passei a produzir desenhos de casas em formato maior, inspirados em cidades que visitei. Desde fevereiro, já realizei cerca de 40 obras nesse estilo, todas baseadas em edificações reais, utilizando o Google Street View como ferramenta de apoio para observação dos imóveis.

Um desses desenhos está presente na capa desta edição do Jornal Travessia, reunindo diferentes edificações de Barbacena. Nele, procurei representar não apenas construções históricas e marcos importantes da cidade, mas também casas de bairros que fazem parte do cotidiano e que, muitas vezes, passam despercebidas. Afinal, assim como os grandes edifícios, elas também compõem a paisagem urbana e ajudam a contar a história e a identidade de Barbacena. Espero que apreciem!

TRAVESSIA

Jornal de Arte e Cultura da Faculdade de Medicina de Barbacena - FAME/FUNJOBE

PRESIDENTE DA FUNJOBE

Dr. Fábio Afonso Borges de Andrada

DIRETOR ACADÊMICO - FAME/FUNJOBE

Dr. Marco Aurélio Bernardes de Carvalho

COORDENADOR DO NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO

Dr. Mauro Eduardo Jurno

PROFESSORES DO PVMCA/FAME

Dr. Luiz Mauro Andrade da Fonseca (Orientador)

Dr. Juliano Bergamaschine Mata Diz (Coorientador)

ORGANIZAÇÃO / DIAGRAMAÇÃO / LAYOUT

Lucimara de Fátima Marugeiro (Coorientadora do PVMCA)

Giovanna Motta Ribeiro Abreu Dias (Acadêmica Integrante do PVMCA)

Lorrayne Fatima Souza Marugeiro (Acadêmica Integrante do PVMCA)

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO:

Ana Luiza Coura Ferreira

Beatriz Paiva Guimarães

Gabriela Fernanda Moreira Arruda

Giovanna Motta Ribeiro Abreu Dias

Juliano Bergamaschine Mata Diz

Júlia Melo Ribeiro

Laura Fernanda Teixeira

Lorrayne Fatima Souza Marugeiro

Lucimara de Fátima Marugeiro

Luiz Mauro Andrade da Fonseca

Marco Aurélio Bernardes de Carvalho

Maria Cecília Curcio Melo

Maria Luísa Brito Viana

Natália de Lira Melo

**É uma publicação semestral da equipe do
Programa de Valorização da Memória, Cultura
e Arte - PVMCA.**



APRESENTAÇÃO

Mara Marugeiro – Coordenadora do Travessia

O Sertão é o Mundo, e a Arte é a Travessia - “O real não está no início nem no fim, ele se mostra pra gente é no meio da travessia.” Enfatizando a essência de nosso Jornal desde a sua 1ª edição, destacamos que as palavras de Guimarães Rosa não são apenas um norte literário; são o mapa geográfico da nossa própria existência. Viver é cruzar veredas, decifrar os gerais de dentro de nós e inventar pontes onde o abismo parece intransponível. Dessa forma, nesta 6ª Edição do Jornal Cultural Travessia convidamos você, leitor, a calçar as botas do afeto e caminhar conosco por um território onde “A Arte é o Elo da Expressão Humana”.

Se o sertão é o tamanho do mundo, a arte é a linguagem universal que nos permite habitá-lo sem solidão. Ela é o fio invisível que une a razão e a emoção, a ciência e o mistério, o corpo e a alma.

Iniciamos nossa jornada sob o olhar do cuidado. No espaço Fame x Sociedade, testemunhamos o elo que cura e conecta, onde a Faculdade de Medicina de Barbacena integra Arte e Saúde na 1ª Sexta Cultural do ano, provando que o bem-estar do corpo começa pela sensibilidade do espírito.

Seguindo adiante, No Meio da Travessia, a literatura e a melodia se encontram como velhas amigas. Viajamos pelas páginas lúdicas do Projeto Salivando, da pedagoga e escritora Nayara Coelho, e logo em seguida somos embalados pelos acordes eternos do Clube da Esquina, sob o olhar sensível do Diretor da FAME, Marco Aurélio Bernardes de Carvalho, nos lembrando de que os sonhos, de fato, não envelhecem.

Ao avistarmos as margens de Travessia, Diadorim... Os Rios Verdes, adentramos o universo das cores profundas. Aqui, a pintura surge como um grito de sobrevivência e busca pela identidade: conhecemos a jornada da artista, Ane Grossi, que precisa pintar para permanecer inteira em sua travessia emocional surrealista, ladeada pelas reflexões do talentoso acadêmico Marcílio Filho sobre a subjetividade em tintas e a expressão que transborda a tela.

Mais à frente, a paisagem se congela no tempo e na luz. Dedicamos um olhar demorado a A Fotografia como Forma de Arte. Através do Projeto Rebobinando, de Bianca Almada e Kelmer Maíke, a fotografia analógica resgata a história e a memória de nossas paisagens. Logo ao lado, o acadêmico Diogo Pena nos capta com seus Instantes Silenciosos, revelando a fotografia como o mais fiel espelho da essência humana.

Ganhamos a vastidão da Travessia dos Gerais, onde o horizonte se faz palavra viva. No espaço Poetizando com..., deixamo-nos conduzir pelas linhas inspiradoras de Marília Zanetti e pela força cortante de Sirlene Cristina Aliane, a legítima Voz da Arte.

E porque, como dizia o mestre Rosa, o importante é a Travessia, Deus no Meio, o sagrado da nossa cultura popular se manifesta na música. João Tostes nos apresenta o som do Brasil em quatro cordas, enquanto a marcante Virgínia Reis nos encanta e embala com a doçura e a potência da voz feminina.

Por fim, a caminhada se faz movimento puro em A Arte do Corpo na Manifestação da Dança. A artista Letícia Braga nos ensina as costuras sensíveis entre Arte, Corpo e Saúde Mental, enquanto Renata Marques, pioneira na região, nos convida aos Ritmos da Vida, mostrando como a Dança do Ventre e o Estilo Tribal reencontram o equilíbrio e a força da alma feminina.

Leitor, o jornal que agora lhe é disponibilizado para sua apreciação, não é apenas uma produção digital. Ele é um manifesto artístico de presença. Cada matéria é um riacho que deságua no mesmo grande rio: a nossa necessidade humana de expressar quem somos, de tocar o outro, de fazer a nossa própria travessia com beleza e coragem.

Faça conosco essa caminhada na leitura das belas matérias que o Travessia 6ª edição compartilha com todos.

A ARTE COMO ELO DA EXPRESSÃO HUMANA

Giovanna Motta e Lorryayne Marugeiro

Sejam bem-vindos à 6ª edição do Jornal Travessia.

Há sentimentos, memórias e experiências que as palavras, por si só, não conseguem traduzir. É justamente nesse espaço onde a linguagem encontra seus limites que a arte se revela. Ela nasce como uma forma única de expressão, capaz de transformar emoções em cores, sons, movimentos e palavras, estabelecendo uma conexão profunda entre o que carregamos em nosso interior e o mundo ao nosso redor. Muito além do entretenimento, a arte é uma linguagem universal que aproxima pessoas, desperta reflexões, preserva histórias e fortalece os laços que nos unem.

Nesta edição, em comemoração ao Dia Mundial da Arte, o Jornal Travessia convida seus leitores a percorrer uma jornada sensível pelo universo artístico de Barbacena e região. Nosso propósito é abrir espaço para aqueles que, por meio de sua criatividade e talento, transformam o cotidiano em beleza, inspiração e significado. Mais do que apresentar obras, buscamos valorizar os artistas que fazem da arte um instrumento de identidade, cultura e pertencimento, dando visibilidade às diferentes formas de expressão que enriquecem nossa comunidade.

Ao longo das próximas páginas, você encontrará manifestações artísticas que revelam a riqueza cultural da nossa terra. A música embala histórias e desperta emoções; a pintura e a fotografia eternizam instantes e oferecem novos olhares sobre o mundo que nos cerca; a dança transforma o corpo em movimento e poesia; e a literatura traduz sentimentos, preserva memórias e dá voz à essência de um povo acolhedor e sensível.

Valorizar os artistas locais é reconhecer a importância da cultura na construção da nossa identidade coletiva. Cada obra apresentada nesta edição representa um fragmento da história, da criatividade e da sensibilidade que caracterizam nossa região. Que este jornal seja uma ponte entre artistas e leitores, despertando o olhar para a beleza presente em cada expressão artística e reforçando o papel transformador da arte em nossas vidas.

Convidamos você a percorrer esta travessia com o coração aberto, permitindo-se emocionar, refletir e se conectar com cada história aqui compartilhada. Desejamos uma excelente leitura.



**Giovanna Motta
e
Lorryayne Marugeiro**

**Acadêmicas da FAME
Integrantes do PVMCA**

A ARTE COMO ELO DA EXPRESSÃO HUMANA



FAME x Sociedade na travessia da troca de conhecimentos e experiências

- O Elo que Cura e Conecta: FAME integra Arte e Saúde na 1ª Sexta Cultural de 2026 - Página 06



No Meio da Travessia

- Viajando pelo Mundo da Literatura: o Projeto Salivrando de Nayara Coelho - Página 08
- Sonhos não Envelhecem: A revolução musical do Clube da Esquina - Página 10



Travessia, Diadorim... Os Rios Verdes

- A potência artística e o processo criativo de Ane Grossi - Página 12
- Subjetividade em Tintas: a expressão além da tela - Página 14



A Fotografia como forma de Arte: Registro e Memória

- Projeto Rebobinando: a fotografia analógica no registro da história, das paisagens e dos eventos - Página 17
- Instantes Silenciosos: a fotografia como espelho da essência humana - Página 20



Travessia dos Gerais. Poetizando com...

- Marília Zanetti - Inspiração na Arte - Página 22
- Sirlene Aliane - A Voz da Arte - Página 23



Travessia, Deus no Meio

- O som do Brasil em quatro cordas - João Tostes - Página 24
- Virgínia Reis: a voz feminina marcante que encanta no embalo das canções - Página 27



A Arte do Corpo na Manifestação da Dança

- A relação entre Arte, Corpo e Saúde Mental - Página 30
- Ritmos da Vida: como a Dança do Ventre redescobre o equilíbrio e a força feminina - Página 32

O Elo que Cura e Conecta: FAME integra Arte e Saúde na 1ª Sexta Cultural de 2026

Mara Marugeiro – Coordenadora da Sexta Cultural

No dia 24 de abril, os corredores da Faculdade de Medicina de Barbacena (FAME) deixaram de lado por algumas horas o rigor científico para se transformarem em um vibrante território de sensibilidade e intercâmbio cultural. A realização da **1ª Sexta Cultural FAME/2026**, promovida pelo Programa de Valorização da Memória, Cultura e Arte (PVMCA), celebrou o Dia Mundial da Arte (comemorado em 15 de abril em homenagem ao gênio renascentista Leonardo da Vinci) sob uma premissa profunda: **"A Arte como Elo da Expressão Humana"**. O evento uniu artistas, acadêmicos e a comunidade em uma reflexão sensível sobre o fazer artístico como eixo central da experiência humana e do cuidado em saúde.

A noite foi inaugurada com os "Diálogos Cruzados: o Processo Criativo e a Interconexão das Artes", deixando claro que, ali, a arte não seria tratada como um mero acessório, mas como uma potente ferramenta de cura e compreensão do outro.



- Bloco I: Os Bastidores da Criação

Mediado pelo jornalista e escritor **Ricardo Salim**, o primeiro bloco propôs uma imersão nos mistérios da criação. Representantes de diferentes vertentes compartilharam as inspirações mútuas que conectam suas linguagens, revelando como o ritmo de uma dança pode ditar o compasso da escrita, ou como uma melodia ganha cores vivas em uma tela. O painel foi composto por: João Tostes, na Música; Nayara Coelho, Literatura; Ane Grossi, Pintura, e Bianca Almada, na Fotografia Analógica.



- Bloco II: Arte e Humanização na Saúde

O segundo momento da noite trouxe o debate para o coração da essência da FAME. Conduzido pelo **Professor Luiz Mauro Andrade da Fonseca**, orientador do PVMCA, o bloco discutiu o papel vital da expressão artística no equilíbrio mental e no processo de cura, promovendo bem-estar tanto para quem cuida quanto para quem é cuidado. Trazer a arte para o ambiente de saúde ganhou voz através de: Virgínia Reis e Miguel Junno, representantes da Música; João Artenova, nas Artes Visuais; Renata Marques e Vagner Moreira, no segmento da Dança, e Kelmer Maike, na Fotografia.



- O Mergulho Técnico, o Manifesto e o Afeto

Mais do que assistir, o público foi convidado a uma imersão técnica e emocional. Provocados pelos mediadores, os artistas desvelaram os segredos de seus ofícios: desde a urgência de uma melodia imediata até a poesia de "escrever com a luz" na fotografia analógica; do corpo que traduz conceitos literários na dança à tela estática que ganha movimento na pintura, culminando no desafio literário de dar corpo e palavra aos sentimentos invisíveis.



Para selar o encontro com o mesmo afeto com que foi planejado, houve o sorteio de livros — generosamente doados por escritores presentes, seguido por um caloroso **Café Cultural**, onde público e artistas brindaram à convivência. Com essa abertura memorável, a FAME reafirma que a formação médica de excelência caminha lado a lado com a sensibilidade e a cultura, pilares indissociáveis da humanização e da nossa memória institucional.

A APOTEOSE DA NOITE DEU-SE NA VIBRANTE INTERAÇÃO ENTRE A PLATEIA E OS CONVIDADOS. EM UM EMOCIONANTE "MANIFESTO ARTÍSTICO", OS CRIADORES DEIXARAM UM APELO UNÍSSONO: QUE A ARTE HABITE E TRANSFORME O COTIDIANO DE TODOS.

Viajando pelo Mundo da Literatura: o Projeto Salivrando de Nayara Coelho

Nayara Coelho - Pedagoga e Escritora

Eu devia ter sete anos de idade quando uma professora levou minha turma e eu à biblioteca da escola e nos deixou escolher um livro para levar para casa. Naquele dia, algo mudou. O livro escolhido, *Uma Professora Muito Maluquinha*, de Ziraldo (e, não ironicamente, se tornou uma profecia autorrealizável na minha vida), foi o primeiro que li já alfabetizada, e o primeiro que me fez querer nunca mais parar de ler.

Depois disso, mergulhei no mundo das histórias em quadrinhos e devo grande parte da minha perseverança literária nessa fase à Mônica e sua turma, que formaram não apenas a mim, mas uma geração inteira de leitores em nosso país.

Conforme fui crescendo, as histórias foram mudando de formato e de tema e, junto com elas, nasceu em mim a vontade de escrever as minhas próprias. Comecei pelos diários, escrevendo paixonites adolescentes. Quando meu pai comprou um computador para nossa casa e aprendi a explorar aquele universo fora de casa chamado internet.



Tudo isso, em uma época hoje tão nostálgica, alimentava meu amor pela escrita de uma forma que acabou se tornando um verdadeiro vício.

A partir daí, além dos livros, a escrita também se tornou meu refúgio. Comecei a produzir meus próprios textos e criei blogs que ficaram perdidos pela internet, mas sem realmente “mostrar as caras”. Os blogs eram escritos sob pseudônimos, e os textos, na maior parte das vezes, eram mais para mim do que para qualquer outra pessoa.

Confesso que tinha medo de mostrar o que escrevia.

Eu era uma criança — e depois uma adolescente — tímida, e o receio de críticas ou represálias me fez guardar todos aqueles sentimentos apenas para mim.

Até que saí da escola, me formei e me afastei um pouco da leitura e da escrita para me dedicar ao tão famoso vestibular. Nosso reencontro aconteceu alguns anos depois, quando entrei na faculdade.



Nessa época, eu adorava pegar livros emprestados na biblioteca, assim como fazia nos tempos de escola, já que ainda não tinha condições de comprar meus próprios exemplares. As bibliotecas eram, sem dúvida, os meus lugares favoritos. Foi nesse período que a leitura voltou a fazer parte da minha rotina e, com ela, também retornou a vontade de escrever.

Com o passar do tempo, acabei perdendo esse *hobbie* de ir em bibliotecas, mas sem deixar o amor pelos livros de lado. Me formei em Pedagogia, e logo depois comecei a trabalhar na área da educação. Conseguia ler e escrever mais. Muitas vezes, escrevia em blocos de nota do celular, para dar um alívio na mente cheia. Foi nessa época que senti vontade de conversar mais com as pessoas sobre livros e escrita.

E assim nasceu o *Salivrando*. O nome veio porque eu queria algo único e surgiu em minha mente quando vi alguns livros de edições caras de uma editora e fiquei quase que “salivando” por eles. O trocadilho deu certo, e escolhi-o como nome do projeto.

Então veio a pandemia da COVID-19. E o que me salvou de surtar de vez diante do fim que parecia iminente para todos nós? Os livros e a escrita.

Mergulhei de cabeça, e toda aquela vontade antiga de escrever as minhas próprias histórias voltou com tudo. Comecei a escrever o que viria a ser o meu primeiro livro, *Estava Escrito na Canção*. E, nos momentos em que não estava me dedicando a ele, lia muitos livros, conheci novos autores nacionais pela internet, inclusive barbacenenses, e entrei para um clube de escritores aqui da cidade, o extinto Clube dos Literatos. Não a pandemia acabou, e todos os frutos que plantei durante esse período com o *Salivrando* foram sendo colhidos aos poucos. Em 2023, pude ir pela primeira vez à Bienal do Livro Rio. Em meio àquela imensidão de pessoas, fiz uma promessa ao universo: na próxima Bienal, eu estaria ali com o meu próprio livro. E foi exatamente o que aconteceu. Dei alguns passos para concretizar esse sonho, e *Estava Escrito na Canção* foi lançado na Bienal do Livro Rio 2025. Algo que vou guardar para sempre e pude compartilhar com pessoas tão queridas em minha vida.

E tudo isso, veio como uma recompensa por ter tomado a decisão de criar o *Salivrando* anos atrás. Um efeito dominó literário que me permitiu encontrar meu lugar no mundo em meio aos livros. E não parei por aí.

Em 2025, também decidi lançar o livro em Barbacena e transformar esse momento em um evento que envolvesse outros autores da cidade. Assim nasceu o *Salivrando Fest*, um evento que reuniu pouco mais de 100 pessoas em sua primeira edição e que, quem sabe, possa se tornar um evento literário fixo em nossa cidade. Espero que sim.

E sei que não vou parar por aí. Ainda há muitas histórias para contar, muitos livros para ler e muitos projetos para tirar do papel. Sigo ansiosa para descobrir até onde a literatura pode me levar.



“UM LIVRO É UM
SONHO QUE VOCÊ
SEGURA NA MÃO”
- NEIL GAIMAN

Sonhos não Envelhecem: A revolução musical do Clube da Esquina

Dr. Marco Aurélio Bernardes de Carvalho - Diretor da FAME

O Clube da Esquina

É considerado um dos movimentos mais originais e influentes da música brasileira. Surgido em Belo Horizonte, no final dos anos 1960 e início dos 1970, reuniu jovens artistas mineiros que, em parceria com Milton Nascimento, criaram uma sonoridade única. Misturando influências do rock, jazz, música latino-americana e da tradição mineira, o movimento se consolidou como marco cultural e artístico. Entre seus protagonistas, destaca-se Lô Borges, cuja sensibilidade e criatividade foram fundamentais para a consolidação dessa estética.

Origem e contexto

O movimento nasceu de encontros informais no bairro Santa Tereza, em Belo Horizonte, especialmente na casa da família Borges. Ali, jovens músicos se reuniam para tocar, compor e compartilhar ideias. O ambiente de amizade e experimentação deu origem a um coletivo que se tornaria referência nacional.



Praça Duque de Caxias

Principais artistas envolvidos

- Milton Nascimento: voz marcante e figura central do movimento.
- Lô Borges: compositor e guitarrista, responsável por algumas das canções mais emblemáticas.
- Márcio Borges: letrista e irmão de Lô, parceiro em diversas composições.
- Beto Guedes, Toninho Horta, Wagner Tiso, Tavito, Flávio Venturini: músicos que contribuíram para a diversidade sonora do grupo.

Lô Borges em destaque

Lô Borges, ainda adolescente, demonstrava talento precoce. Sua parceria com Milton Nascimento resultou no álbum Clube da Esquina (1972), considerado um dos maiores discos da música brasileira.

- Suas composições, como O Trem Azul, Paisagem da Janela e Um Girassol da Cor do Seu Cabelo, revelam uma poética intimista e ao mesmo tempo universal.
- O estilo de Lô é marcado pela delicadeza melódica e pela capacidade de traduzir sentimentos cotidianos em música.
- Sua obra dialoga com influências internacionais, como os Beatles, sem perder a identidade mineira.



Artistas de “O Clube da Esquina”

Músicas e álbuns de destaque

- Clube da Esquina (1972): marco do movimento, com faixas como Tudo que Você Podia Ser e Nuvem Cigana.
- Clube da Esquina 2 (1978): continuação da proposta estética, ampliando o alcance do grupo.
- Canções de Lô Borges que se tornaram clássicos: Para Lennon e McCartney, O Trem Azul, Paisagem da Janela.

Fatos interessantes

- O nome “Clube da Esquina” surgiu da esquina das ruas Paraisópolis e Divinópolis, ponto de encontro dos músicos.
- O movimento foi também uma forma de resistência cultural durante o período do governo militar, afirmando liberdade criativa.
- A casa da família Borges permanece como símbolo histórico e cultural em Belo Horizonte.

Transcendendo o conceito de movimento musical

O Clube da Esquina tornou-se um estado de espírito, uma celebração da amizade e da criatividade coletiva. Entre seus protagonistas, Lô Borges ocupa lugar de destaque, não apenas pela genialidade de suas composições, mas por ter sido o elo que reuniu jovens talentos em torno de um projeto artístico inovador. Pessoalmente, destaco a inspiradora letra de “CLUBE DA ESQUINA 2” que, coincidentemente, descreve parte importante da história da minha vida e minha forma de pensar, uma vez que acredito plenamente que sonhos não envelhecem.

Sua obra continua a inspirar novas gerações e reafirma o papel de Minas Gerais como berço de uma das mais ricas expressões culturais do Brasil.



**Dr. Marco Aurélio Bernardes de
Carvalho - Médico Ginecologista e
Obstetra e Diretor da
FAME/FUNJOBE**

A potência artística e o processo criativo de Ane Grossi

Ane Grossi - Artista Plástica



Pintar para permanecer inteira: a travessia emocional de uma artista surrealista

Sou artista plástica e minha trajetória na pintura começou em 2012, ainda paralela a outros trabalhos. Com o tempo, a arte deixou de ser apenas uma paixão e se tornou minha profissão.

Hoje trabalho exclusivamente com pintura, produzindo obras autorais, recebendo encomendas e dando aulas em meu ateliê.

Meu trabalho é voltado principalmente para o surrealismo, onde encontro liberdade para expressar inquietações, angústias, emoções e sentimentos que muitas vezes não consigo traduzir em palavras. Cada tela nasce de experiências internas, reflexões e da necessidade de transformar sensações em imagem.

Desenvolvo também uma linha de pinturas decorativas, criada para compor ambientes e transmitir leveza. Diferente das obras mais emocionais, essas pinturas funcionam para mim como um momento de respiro e equilíbrio criativo.

Acredito na arte como uma linguagem emocional e humana. Admiro muito a psiquiatra Nise da Silveira, que enxergava a criação artística como uma forma de acessar sentimentos profundos e subjetivos.

Entre telas reflexivas, pinturas decorativas e o ensino da arte, sigo construindo uma trajetória guiada pela sensibilidade, expressão e pela necessidade de me reconstruir e permanecer inteira.

Em 2022, realizei a exposição “Em Terras de Sítio”, em Antônio Carlos, onde contei parte da história e da identidade da cidade através das minhas pinturas. Foi um momento importante da minha trajetória, aproximando arte, memória e pertencimento.

Além das produções artísticas, hoje também desenvolvo encontros como o “Pintura e Vinho”, uma experiência criada para que as pessoas possam relaxar, desacelerar e se conectar com a arte de forma leve e sensível. Mais do que ensinar pintura, meu desejo é proporcionar um momento de presença e expressão.





PINTO
PARA
PERMANECER
INTEIRA



PINTURA
E
VINHO



Subjetividade em Tintas: a expressão além da tela

Marcílio Filho - Acadêmico da FAME



Meu nome é Marcílio Filho e sou aluno da Faculdade de Medicina de Barbacena. Minha relação com a arte começou quando eu tinha apenas 10 anos, idade em que minha mãe me matriculou em aulas de pintura. Desde criança, sempre fui muito criativo e incentivado pelos meus pais a explorar diferentes formas de expressão. Cresci fazendo aulas de música, francês, inglês, natação e tênis, em um ambiente que valorizava a curiosidade e a criatividade do ser humano.

Ainda muito novo, já demonstrava interesse por criar coisas além do convencional. Aos 11 anos, durante um trabalho escolar de ciências em que os alunos deveriam desenvolver algum tipo de jogo, enquanto a maioria produziu jogos de tabuleiro, eu decidi criar um aplicativo para a Play Store. O jogo se chamava Quiz da Ciência – Thaís Ribeiro e reunia perguntas sobre ciências da natureza. Além disso, também me destacava em apresentações escolares através de edições de vídeo, animações e projetos criativos, como o teatro.



Ninho sobre as águas

MAS, FOI NA PINTURA QUE ENCONTREI MINHA FORMA MAIS ÍNTIMA DE EXPRESSÃO.

Minha professora de pintura e artista plástica, Terezinha Pinto, teve um papel fundamental na minha trajetória. Em uma época em que sofria muito bullying na escola por causa do TDAH, a arte se tornou um refúgio silencioso e, ao mesmo tempo, uma forma de resistência. Cada tela carregava sentimentos que muitas vezes eu ainda não sabia explicar em palavras.

Meu primeiro quadro, “Ninho sobre as águas”, retratava um casal de patos protegendo seu filhote. Hoje percebo que aquela pintura representava exatamente o que eu vivia: pais superprotetores tentando cuidar de um filho sensível em meio a um ambiente escolar hostil.

Ao mesmo tempo, existia ali um desejo oculto de liberdade: a vontade de crescer sem medo, de existir sem precisar me esconder.

Outro quadro marcante foi “Liberdade”, que mostrava um barco seguindo em direção ao horizonte. Para mim, aquela embarcação simbolizava tudo aquilo que eu sonhava alcançar um dia: liberdade, autonomia e a esperança de encontrar meu próprio caminho no mundo.

Também produzi outras obras importantes, como “O Peso da Justiça”, uma releitura da figura da Justiça Cega que presenteei ao meu pai, e “Rosas do Tempo”, entregue ao meu ex-diretor como homenagem na sua saída da escola.



Duos

Já em “Duos”, busquei expressar minha visão sobre as relações interpessoais e a figura humana. A dualidade presente na obra representa como as pessoas podem se conectar e, ao mesmo tempo, permanecer profundamente complexas e indecifráveis.

Hoje entendo que a arte nunca foi apenas um passatempo para mim. Ela sempre foi uma extensão silenciosa daquilo que eu sentia. Cada quadro marcou uma fase da minha vida, transformando emoções em cores, traços e formas. A arte me permitiu encontrar beleza até mesmo nos momentos difíceis, além de me ensinar que a subjetividade humana não precisa ser completamente compreendida para ser sentida.

Durante a faculdade de medicina, senti vontade de retomar esse antigo refúgio. Porém, minhas pinturas mudaram junto comigo. Passei a produzir obras mais abstratas, que refletiam exatamente o momento que eu vivia: um período marcado por incertezas, cobranças, comparações e pela tentativa constante de conciliar sonhos, expectativas e identidade.

Foi assim que nasceu “Síntese”. Nesse quadro, vejo meu rosto fragmentado em diferentes partes, quase como se cada fragmento representasse emoções conflitantes: liberdade e prisão, esperança e tristeza, força e exaustão.

A obra traduz o sentimento de tentar permanecer inteiro mesmo em meio às pressões da vida acadêmica e pessoal.



Liberdade

TALVEZ SEJA ISSO QUE MAIS ME FASCINE NA PINTURA: A POSSIBILIDADE DE TRANSFORMAR VIVÊNCIAS, DORES, LIBERDADE E SONHOS EM ALGO QUE PERMANECE. PORQUE, NO FIM, CADA TELA CARREGA NÃO APENAS TINTA, MAS FRAGMENTOS DAQUILO QUE SOMOS.



Síntese



Flores do Tempo



O Peso da Justiça

Projeto Rebobinando: a fotografia analógica no registro da história, das paisagens e dos eventos

Bianca Almada e Kelmer Maike - Fotógrafos

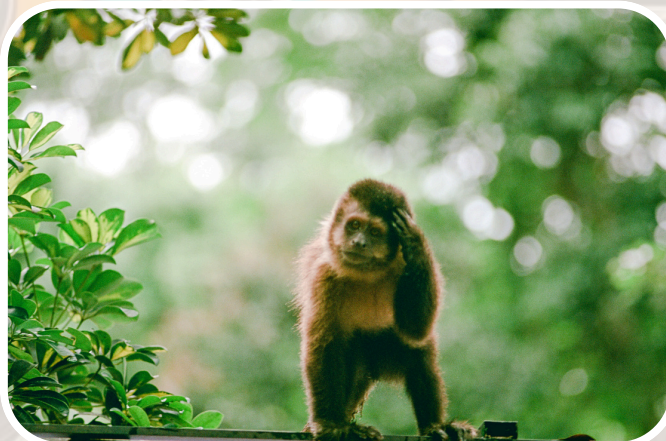


Bianca Almada e Kelmer Maike

O Rebobinando é um projeto de fotografia criado em 2021 por Bianca Almada e Kelmer Maike, no qual unimos a fotografia analógica e digital em uma abordagem autoral e experimental. Temos formações e experiências distintas, que vão além da fotografia e contribuem para a construção diária do projeto. Bianca Almada é Mestre em Ciência dos Alimentos pela UFLA e desenvolve trabalhos nas áreas da ciência e educação, com foco em sustentabilidade. Já Kelmer Maike é formado em História e pós-graduado em Filosofia, trazendo seu interesse por temas ligados à memória, ao patrimônio e à cultura. Atuamos como fotógrafos, curadores e administradores do projeto, desenvolvendo ações que incluem exposições fotográficas, cobertura de eventos culturais, produção audiovisual com equipamentos analógicos, além de ensaios e trabalhos personalizados em diferentes linguagens e estilos fotográficos.

A escolha pelo processo analógico parte do nosso primeiro contato com uma câmera fotográfica antiga. Compramos, por curiosidade, uma Kodak Instamatic, que despertou em nós o interesse por compreender o funcionamento da fotografia antes do mundo digital que conhecemos hoje. Por meio de livros, revistas, antigos manuais e canais brasileiros de fotografia analógica, começamos a aprender sobre o processo e, em curto tempo, decidimos começar. Aos poucos, nossa coleção de câmeras antigas também foi crescendo.

Fotografar com filme é um processo surpreendente e desafiador, influenciado por diversos fatores, desde a escolha da câmera e do filme até a revelação e digitalização. Cada filme possui, em média, 36 poses e, como boa parte dos nossos registros retrata o cotidiano, geralmente levamos de duas a três semanas para finalizá-lo. Em trabalhos e propostas específicas, porém, chegamos a utilizar um ou mais filmes em um único evento ou momento.



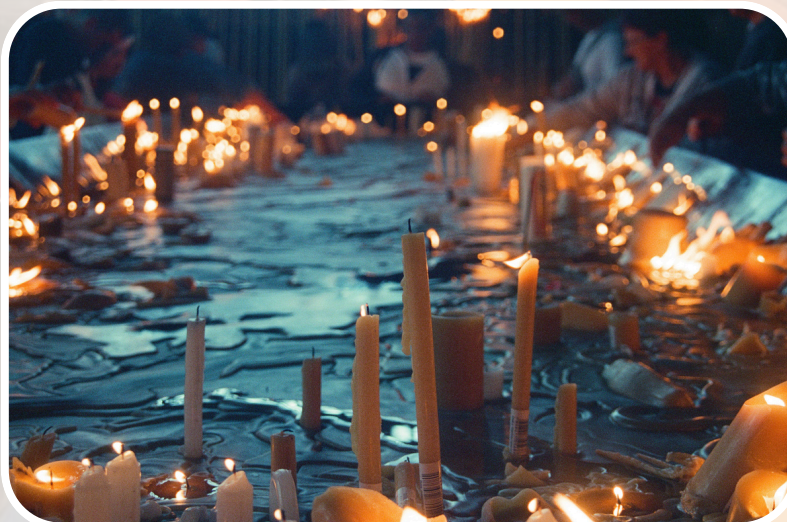
Após o término do filme, rebobinamos a câmera e enviamos a película para revelação em um laboratório especializado, recebendo o resultado alguns dias depois. Parte do encanto da fotografia analógica está justamente nessa espera.



Fotografia apresentada no “Festival Foto em Pauta - 2026” e na “Revista Internacional Verdant”

Os espaços são fluídos e as cidades são feitas por pessoas, por isso, passamos a explorar os retratos, outro grande tema do nosso interesse. Fazer o retrato de uma pessoa é um momento de conexão profunda, que nasce também da escuta. Depois de reveladas, temos o costume de fazer cópias dos retratos e presentear as pessoas fotografadas com os registros.

Em 2022, realizamos nossa primeira exposição fotográfica e, desde então, desenvolvemos projetos expositivos com temas diversos, como “Barbacena in Film”, “Olhar Analógico”, “Natureza Quase Morta” e “Transformações” - oportunidades de refletir sobre diferentes temas e dialogar com outros artistas. Em 2025, por meio da Lei Aldir Blanc Municipal, realizamos a Vivência Fotográfica: Fotografia para Todos nas Ruas de Barbacena e a exposição “Barbacena in Film”.



Fotografia que rodou o Brasil em festivais no ano de 2025

Diferente da fotografia digital, não podemos ver a imagem instantaneamente e trabalhamos com um número limitado de poses. Essas características nos incentivam a valorizar cada registro e a exercitar o olhar antes de cada clique, observando o assunto, escolhendo o melhor ângulo, a melhor luz e o momento mais adequado para fotografar.

No início do projeto, nosso foco de atuação foram os registros de arquitetura, patrimônio e paisagens de Barbacena e região.

Com o tempo, a fotografia nos despertou um olhar mais atento para o cotidiano e para a fotografia de rua.



Fotografia de Barbacena

A Vivência reuniu atividades teóricas e práticas sobre fotografia e uma exposição dos trabalhos dos participantes. Já a exposição percorreu três escolas públicas municipais periféricas, apresentando a fotografia analógica para centenas de estudantes e promovendo reflexões sobre patrimônio, memória e pertencimento.

Ao longo da trajetória, recebemos premiações em concursos fotográficos e participamos de festivais no Brasil e no exterior. Em 2024 e 2026, tivemos fotografias selecionadas para o Festival Internacional Foto em Pauta, em Tiradentes (MG). Em 2025, estivemos em Poços de Caldas com a exposição “Possibilidades do Analógico”, a convite do Poços Analógica. Outro destaque é a participação na revista Verdant, da Green Tones Mag, cuja primeira edição, lançada em abril, reuniu artistas de diversas partes do mundo e contou com nossa participação como representantes brasileiros.



1º Concurso de Fotografias “Barbacenários: retratos de BQ”
promovido pela UEMG - Barbacena

Também atuamos na cobertura de eventos e na realização de ensaios fotográficos, tanto de forma analógica quanto digital. A fotografia analógica tem nos permitido registrar eventos culturais e celebrações pessoais, como casamentos e aniversários. Além de documentar esses momentos, ela nos permite exercitar um olhar criativo e artístico sobre cada situação.

A fotografia, hoje, é uma parte fundamental das nossas vidas, permitindo-nos expressar e comunicar. Ao tentar entender e responder por que escolhemos a fotografia analógica, percebemos que essa escolha vem do fato de sermos pessoas analógicas. Mesmo inseridos em um mundo digital, gostamos da forma analógica de criar e consumir arte. Gostamos de ler e escrever, ouvir discos, ir a museus, galerias de arte, shows, cinema e teatro. Foi o nosso jeito analógico que nos levou à fotografia analógica.

CURIOSIDADE: O nome Rebobinando vem de um dos momentos mais legais de fotografar com filme, que é quando você termina um filme e o rebobina para dentro da bobina, preparando-o para o processo de revelação.



Instantes Silenciosos: a fotografia como espelho da essência humana

Diogo Pena - Acadêmico da FAME



Acredito que, quando falamos de nós mesmos, sempre existem dois caminhos. O mais simples é expor nossos títulos, cargos e aquilo que nos compõe — ou mesmo nos estigmatiza. Pois bem: formei-me em Direito pela emérita Faculdade de Direito Milton Campos, em Nova Lima/MG, no ano de 2012. Atuei como advogado criminalista durante dez anos e, atualmente, curso o nono período de Medicina nesta ilustre cátedra, a FAME — Faculdade de Medicina de Barbacena/MG.

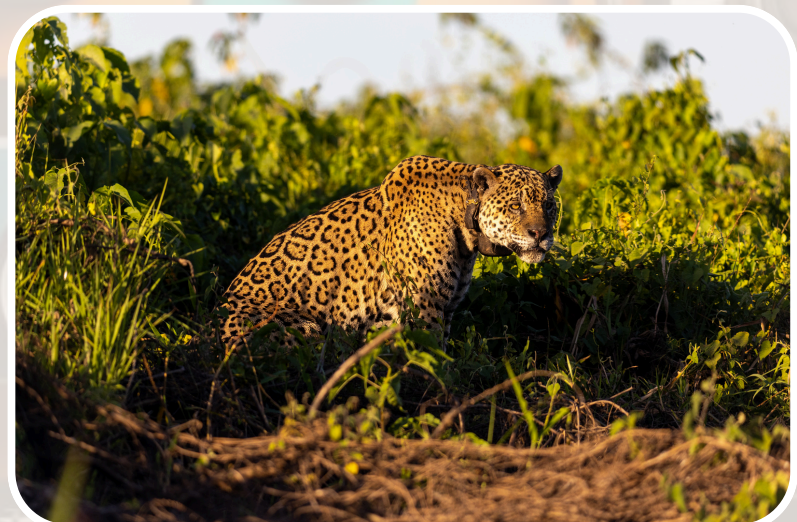
Todavia, há outro caminho: aquele que nos obriga a olhar para o espelho e encarar não apenas aquilo que fizemos, mas aquilo que somos — o melhor e o pior de nós. Talvez somente assim revelemos verdadeiramente nossa essência.

No infindável amor pela Medicina, fui lançado à necessidade de refletir sobre mim mesmo, pois o papel mais laborioso de alguém na área da saúde não é apenas saber aquilo que dele se espera, mas ainda assim permanecer uma alma humana tocando outra alma humana, parafraseando Carl Jung.

E foi justamente dessa necessidade de humanidade que nasceu meu amor pela fotografia: a tentativa silenciosa de eternizar, em um instante, aquilo que muitas vezes as palavras não conseguem alcançar.



Mãe e Filho

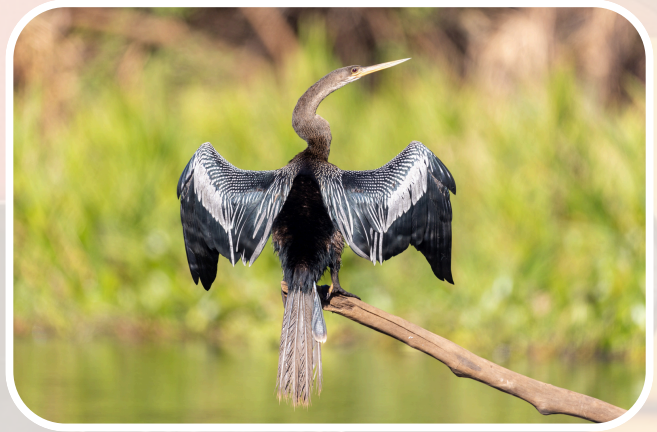


A esperança do amanhã

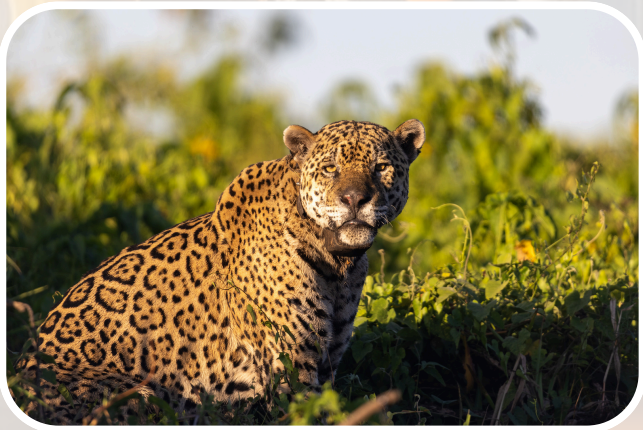
As fotos apresentadas foram registradas no Pantanal Matogrossense através da uma câmera Cânon R5 com a lente sigma 300-800mm f5.6



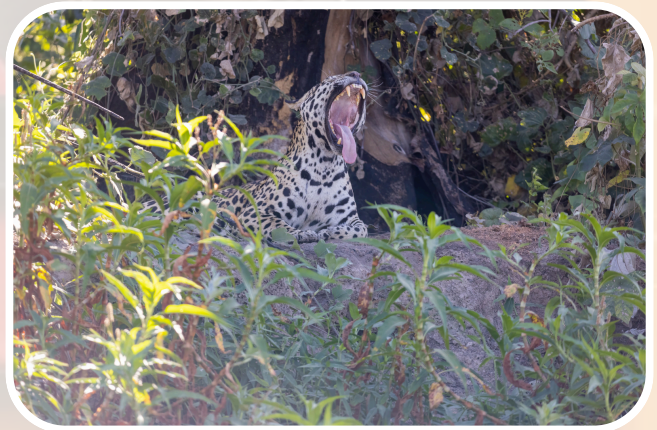
O Guardião do Ninho



O Equilíbrio



Olhos do Pantanal



O bocejo da rainha



O equilibrista



Linhas do Vento



Pequena Chama



A sobrevivência no rio

Inspiração na Arte

Marília Zanetti - Poeta

A arte tem poder de cura
Não só pra quem a cria
Mas pra quem nela se aventura
E assim se renova a alegria

Assim como no viver
Na arte há dias alegres e outros a entristecer
E tudo bem nem todo dia está a sorrir
Mas o que não pode é da vida desistir

E neste vai e vem
De tristeza e alegria
Faça sempre algo que te faz bem
Pra melhorar o seu dia

Eu me encontro na poesia
E você qual arte te contagia?
Que consiga encontrar
O que possa te inspirar.



Marília Cristina Zanetti nasceu em 04 de dezembro de 1981, em Barbacena/MG.

É formada em Agroindústria pela Escola Agrotécnica Federal de Barbacena, atual IF Sudeste.

Desde a adolescência cultivou o gosto pela poesia. E em tudo a que se dedica, com poesia retrata. Tem no dia a dia a rima como companhia. Com otimismo sempre leva no rosto um sorriso.

A Voz da Arte

Sirlene Cristina Aliane - Poeta

A arte é a voz
Dos oprimidos,
Revolucionários,
A Arte é a voz
Dos artistas de
Várias formas,
Músicas que
Marcam gerações,
Transformam as
Realidades,
Embalam amores,
Pinturas que
Sensibilizam,
Esculturas que
Dão forma aos
Sentimentos,
O teatro, o cinema
Imitam a vida e
Mudam contextos,
Linhas escritas
Por poetas, cronistas,
Romancistas são a
Voz da liberdade.



Sirlene Cristina Aliane

É graduada e Pós-graduada em Filosofia pela Universidade Federal de São João del-Rei e Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC). Autora do livro para educadores (as), "Limites e Valores em Crianças de 7 a 10 anos", em 2007, do livro de poesias "Inspirações Vol. 1" e o livro infantil "As Aventuras de Pedro na Floresta Encantada", em 2019, do livro de poesias "Inspirações Vol. 2", em 2020, e participação em vários livros de coletânea de poesias, nacionais e internacionais em 2019 e 2020, entre elas Antologia "Poesias sem fronteiras" e Antologia Poesia Agora, do livro infantil "As Aventuras de Pedro no Shopping", em 2022, e do livro infantil "Dicas de Segurança do Marluvinha", em 2023 e o de poesias digitalizado "Serenidade e Paz", lançado em janeiro de 2025. Articulista do Barbacenaonline desde 2011. Atualmente trabalha na Biblioteca Municipal Maria Anésia Aliani, em Dores de Campos.

O som do Brasil em quatro cordas

João Tostes - Músico



Minha história com a música começou bem antes dele, lá na década de 80, com as brincadeiras em um tecladinho Casio. Passei pelo violão, me aprofundi na música brasileira, entrei pelos palcos, estudos e pesquisas, sempre tentando entender por que uma harmonia mexe tanto com a gente, por que uma melodia gruda na mente, por que uma canção simples pode ficar anos dentro de uma pessoa. Estudei violão popular na Bituca, Universidade de Música Popular, com mestres como Gilvan de Oliveira e Ian Guest. Depois dessa formação, comecei a sentir vontade de criar algo próprio com o ukulele, algo que não fosse apenas tocar por tocar, mas abrir caminho, compartilhar conhecimento e mostrar que aquele instrumento tinha muito mais possibilidades do que parecia.

Antes do Toca Ukulele virar escola, canal, comunidade e projeto educacional, passei alguns anos levando o instrumento para estúdios e palcos. E isso era mais difícil do que parece. Como colocar um ukulele no palco, com som profissional, sem depender de um microfone parado na boca do instrumento?

O ukulele é um instrumento de quatro cordas, tradicionalmente associado ao Havaí, mas que hoje já conquistou palcos, escolas e rodas de música pelo mundo inteiro. No Brasil, ainda tem gente que olha para ele com surpresa, curiosidade ou desconfiança. Já ouvi de tudo um pouco: que parece brinquedo, que é um cavaquinho gourmet, que é fácil porque tem só quatro cordas, e eu compreendo bem essa primeira impressão. Talvez seja justamente aí que more uma parte da graça: ele parece pequeno, mas fala igual gente grande.

Uma das perguntas que mais recebo é como se pronuncia “ukulele”. Já ouvi u-ku-lê-le, u-ku-le-lê, iu-ku-lê-ley, u-ke-le-le, e no fim toda pronúncia é válida. Foi justamente a curiosidade das pessoas que atizou a minha também. Quanto mais me perguntavam sobre o instrumento, mais eu queria entender, estudar, pesquisar e descobrir até onde ele poderia ir. E eu também, de carona, é claro.



Eu sempre fui músico de me mexer, olhar para as pessoas, andar um pouco, pular, não ficar preso a um ponto fixo. Então precisei testar de tudo: captação de violino, bandolim, violão, soluções improvisadas, ideias boas e ruins. No palco, era apito e microfonia que não acabavam mais. Foi um período de tentativa, erro, paciência e teimosia.

O Toca Ukulele nasceu dessa mistura: vontade de tocar, vontade de ensinar, curiosidade técnica, sede de aprendizado e desejo de entregar às pessoas do meu país o que houvesse de melhor na literatura, na tecnologia e na pedagogia do instrumento. Primeiro veio como vontade simples de compartilhar vídeos, aulas e descobertas. Com o tempo, virou canal, escola online, plataforma de ensino, comunidade e ponto de encontro para pessoas de várias partes do Brasil e do mundo. Hoje, quando falo em Toca Ukulele, não falo só de uma marca ou de um site, mas de um projeto de formação musical que tem ajudado muita gente a começar, recomeçar ou aprofundar sua relação com a música. Meu jeito de escrever, gravar vídeos, organizar aulas e traduzir conceitos também acabou criando, sem muito alarde, parâmetros de cuidado para tratar o ukulele como instrumento musical de verdade.



Hoje tenho estudado muito uma palavra que parece simples, mas que carrega muito da nossa cultura: ginga. Não falo dela como pose, enfeite ou slogan, mas como pesquisa mesmo. Quero entender como a música brasileira se mexe, respira e balança, como chega ao corpo antes de virar explicação. A ginga está na capoeira, no futebol, no choro, no samba, no maxixe, no partido-alto, e também no jeito de atrasar uma nota, antecipar outra, deixar uma frase sorrir antes de finalizar. Talvez uma parte grande do meu trabalho atual seja essa: fazer o ukulele falar Brasil, sem pedir licença e sem imitar ninguém. Esse tema atravessa meus estudos, artigos, tratados, meu mestrado e muitas coisas que ainda quero publicar.

Uma frase criada pelos meus alunos resume muito do que acredito: “todo mundo pode”. Todo mundo pode tocar um instrumento musical. Não importa a idade, o conhecimento prévio, o medo, a timidez, a falta de repertório, o trauma de uma aula ruim no passado. Cada pessoa aprende de um jeito, no seu tempo, com seus limites e suas possibilidades, mas a porta precisa estar aberta e o ukulele é uma prova concreta disso. Ele virou instrumento de milhões de pessoas porque aproxima, convida e facilita o primeiro passo.

Não dá para separar meu trabalho artístico do meu trabalho como educador. Quando subo ao palco, carrego comigo as aulas, os alunos, os erros que me ensinaram, as perguntas que recebi, as pessoas que disseram “eu não consigo” e depois conseguiram. Quando dou aula, levo também o palco junto: o cuidado com cada nota, a escuta ativa, a responsabilidade com quem está do outro lado e a coragem de me expor.

Talvez por isso meus projetos tenham se espalhado por tantas direções, da formação de alunos e professores à criação de festivais, cursos, orquestras e ações de inclusão musical.

Tudo nasceu de uma mesma inquietação: a música precisa chegar mais longe, mas sem perder, pelos caminhos e veredas, sua virtude, seu afeto, seu brilho e sua capacidade de tocar alguém de verdade.

O ukulele me levou a lugares que eu jamais imaginaria, como Canadá, Itália, República Tcheca e Coreia do Sul. Toquei em espaços pequenos, grandes, formais, improvisados, presenciais e virtuais. Tocar para cinco pessoas é quase como se todos também estivessem dentro do palco. Tocar para três mil pessoas também tem seu gostinho delicioso. Todo formato tem seus desafios, e cada lugar deixou uma marca em mim. Estar do outro lado do mundo, tocando uma música sua, levando sua cultura, falando do Brasil por meio de quatro cordas, e receber aplausos, às vezes de pé, é algo que fica para a vida. Ô trem bão! Depois essa experiência volta para a aula, vira história, vira coragem para alguém tentar, estudar, gravar, tocar em público, viver a música no cotidiano, sendo profissional ou não.

Uma experiência marcante aconteceu na Itália, em 2023, quando apresentei meu Método TEPE de Educação Musical na Ukulele International Conference. Eu fui o único sul-americano presente no evento e apresentei um artigo em inglês sem ainda ter concluído uma graduação. Para mim, aquilo foi um marco pessoal. Não por vaidade acadêmica, mas porque ser pesquisador é uma das coisas que mais gosto de fazer. Eu gosto de investigar, comparar, testar, escrever, desmontar uma ideia e montar de novo.

A pesquisa não mora só no congresso, no artigo ou no certificado, mas também na sala de aula, no ensaio, no vídeo gravado de madrugada, na dúvida de um aluno, no arranjo que não funcionou, na criança que segura o instrumento pela primeira vez, na pessoa adulta que achava tarde demais para aprender. A Orquestra Multicor, especialmente, tem me lembrado que música não é só som, mas uma forma de juntar gente, criar laço, construir confiança e transformar ensaio em família. Às vezes, a nota mais importante de um ensaio não é a mais afinada, mas aquela que alguém teve coragem de tocar.

Eu também aprendi que trabalhar com arte é aceitar uma vida meio maluca. Um dia estamos escrevendo arranjo, no outro editando vídeo, montando palco, dando aula, programando software, lidando com nota fiscal, prestação de contas e tentando lembrar onde foi parar o afinador. E ainda sobra tempo para escrever um artigo para revista, cuidar da casa, dos filhos e contar os causos que acontecem com a gente. É muita sorte, né?

Não é glamour o tempo todo. Na verdade, quase nunca é. Imagine você que um dos meus hobbies favoritos é capinar. Tem alguma coisa ali, no mato, na terra, que me ajuda a colocar a cabeça no lugar. Eu gosto do palco, do estudo, da pesquisa, da gravação e da aula bem feita, mas também gosto da vida comum, da casa, da família, dos filhos, dos amigos, desse lembrete diário de que antes de qualquer currículo existe uma pessoa tentando fazer as coisas direito.

Se existe algo que me orgulha, é perceber que uma ideia simples, dessas que a gente nem imaginaria quando era criança pequena em Barbacena, pode virar ponte; um vídeo pode alcançar alguém longe; uma aula pode mudar a relação de uma pessoa com a música; uma orquestra pode dar voz a quem sempre ficou do lado de fora; um instrumento de quatro cordas pode atravessar cidades, países, telas, gerações e histórias.

No fim das contas, sigo acreditando numa coisa simples: a música não precisa ser grande no tamanho para ser grande no sentido. Às vezes, ela cabe em quatro cordas. Às vezes, cabe numa sala de aula. Às vezes, cabe no colo de uma criança, no palco de um teatro, no corredor de um hospital, numa tela de computador ou no silêncio de quem escuta com atenção.



Virgínia Reis: a voz feminina marcante que encanta no embalo das canções

Virgínia Reis - Musicista



Na ocasião, atuei ao lado de solistas renomados, dentre os quais Mauro Chantal e Luciana Monteiro, ambos professores de canto na UFMG, além de instrumentistas das orquestras Sinfônica e Filarmônica de MG, contratados para integrar a orquestra que acompanhou o coral nos concertos e gravações para a Rede Globo e Rede Minas.

Concomitante ao período em que estive no coral, também teve início minha trajetória em movimentos sociais e de juventude, nos quais participava cantando com bandas em retiros, shows e casamentos. Isso fortaleceu minhas vivências no canto popular, trouxe-me visibilidade e ampliou minha rede de contatos. Foi então que, aos 16 anos de idade, realizei meu primeiro trabalho profissional como cantora e segui realizando diversos outros com grupos musicais da região, em shows, recitais e espetáculos, dentre outros.

Nascida em Congonhas, em 11 de Fevereiro de 1985, iniciei minhas atividades musicais cantando informalmente em celebrações religiosas aos 3 anos de idade em corais com minha família. De família simples, enfrentei muitos percalços pela minha trajetória, até decidir e conseguir estudar para me tornar musicista. Sempre estive envolvida no meio musical, considero a música como um dos principais pilares que sustentam minha existência com a qual desenvolvi uma relação íntima e simbiótica. Meu pai era músico amador e nos proporcionava uma vivência musical diária, apesar da simplicidade e da falta de recursos para investimentos em estudos e instrumentos, que na maioria das vezes chegavam à nossa casa por trocas de serviços de meu pai, mas cantar não gerava ônus, por isso sempre cantávamos muito em casa, meus pais e meus irmãos.

Aos 12 anos de idade, uma senhora viu-me cantando numa celebração religiosa, com meu pai ao teclado, e pediu-lhe permissão para me levar para assistir ao ensaio de um Coral Lírico do qual ela fazia parte. Foi então que tive meu primeiro contato com a música erudita e me encantei. À época, o Coral ensaiava a Paixão Segundo São João de J. S. Bach para as comemorações da Semana Santa, e eu me lembro do impacto sensorial ao ouvir um coral a quatro vozes pela primeira vez. Eu realmente não havia ouvi do nada tão bonito até aquele momento, e que tocasse tanto os meus sentimentos, mesmo sendo eu, ainda, uma menina.

Com a permissão de meus pais, ingressei no coro do qual participei por mais de 10 anos. Ali adquiri muitas experiências e conheci importantes referências na construção da minha identidade musical e profissional.

Participei da gravação de um DVD e do primeiro CD do coral, que contou com patrocínio de leis de incentivo à cultura, tendo ampla difusão nas mídias televisiva e jornalística.

Aprecio fortemente a busca por conhecimento, por isto me dediquei a cursar todas as formações gratuitas que me foram possíveis na música e nas áreas administrativa e contábil. Ambas me auxiliaram fortemente quando comecei a empreender na Música. Com foco na carreira, realizei formações complementares pelo SEBRAE em cursos na área de Gestão de Negócios (Nosso Negócio é Música - 2019) e Gestão de Carreira (Programa Salto - 2022), além de concluir pós-graduação em “Voz Profissional - abordagem Multidisciplinar” (2025).

Em 2011, diante de uma oportunidade de assumir a vaga aberta em um projeto social como professora de musicalização, deixei o meu emprego com vínculo CLT para me arriscar na carreira musical. Soube, por um amigo que cursava Violoncelo na UFSJ, que estavam abertas as inscrições para seleção de um Projeto de Extensão de aulas de Canto Lírico pela universidade. Inscrevi-me com o intuito de apenas ter aulas de canto com a professora da universidade. Passei e iniciei as aulas. Com todo incentivo e encorajamento proporcionado pela querida Prof^ª. Elenis Guimarães, preparei-me para prestar ENEM e o vestibular para entrar no Curso de Música e, sim, eu consegui passar.



Em maio de 2013, iniciei meus estudos no Curso de Música, com Habilitação em Canto Lírico na UFSJ, mais uma etapa importantíssima na minha carreira. A Universidade proporcionou-me não somente conhecimento acadêmico, mas trouxe crescimento e experiências bastante relevantes, dentre as quais: Pesquisa de Iniciação Científica como bolsista CNPq, publicando artigos em anais de Congressos de Música; premiação pelo Concurso Música XXI, sendo selecionada para Recital pela série "Terça no Solar"; e participação no Festival MUSIK-Expedition, onde tive MasterClass com a soprano Katharina Borsch (Alemanha), sendo selecionada para os solos com a orquestra do festival. Em 2017, viajei para a Alemanha em Intercâmbio Artístico pela expedição MUSIK-Expedition representando o curso de música da UFSJ, onde participei do Festival de Música da Universidade de Koblenz-Landau, e de oficinas e concertos em Koblenz, Erlangen e Höchststadt an der Aisch, destacando-me como solista de repertório erudito brasileiro.



Ainda em 2017, fui a soprano solista no Festival Musik-Expedition no Brasil sob a regência de Christian Jeub (Alemanha).

Após a colação de grau, fundei em Congonhas o “Espaço Sonora” para o atendimento de aulas particulares e funcionamento das atividades do Grupo Musical Sonora, onde já atuava como gestora, produtora musical e cantora desde 2013. Em janeiro de 2024, iniciei minha trajetória em Barbacena, no Conservatório Municipal Heitor Villa-Lobos, atuando como Professora de Canto Lírico, Canto Popular e Canto Coral, e solista com a orquestra do Conservatório. Esta via me oportunizou, simultaneamente, firmar boas novas parcerias musicais que me permitem continuar e ampliar o alcance dos meus trabalhos.

Na carreira musical, as atividades desenvolvidas como cantora e preparadora vocal são das mais diversas: participações em bandas, colaborações em álbuns, gravações de clipes, gravações em estúdios, produção musical, composição e criação de arranjos, publicação de matéria sobre saúde vocal, preparação vocal para grupos de teatro, cantores em competições de canto, cantores em gravações de singles e álbuns, ministração de oficinas e workshops, e execução de projetos aprovados em leis de fomento à cultura. Tudo isso culminou em reconhecimentos importantes que endossam e fortalecem o trabalho artístico. Em 2022, recebi a Menção Honrosa “Mulher de Verdade”, concedida pela Câmara Municipal de Congonhas, como reconhecimento pela expressiva carreira musical.

Em 2023, recebi prêmio de reconhecimento pelo trabalho realizado como musicista, sendo homenageada pelo Festival Tudo é Jazz, realizado em Congonhas, devido à importância do papel exercido na comunidade em um contexto de representatividade como artista, mulher negra e empreendedora. E, em março de 2026, recebi do Rotary Club de Barbacena o prêmio Elizabeth Tymburibá, uma homenagem a mulheres de destaque em suas áreas de atuação; na ocasião, como reconhecimento pelo destaque no meio artístico da cidade como cantora em eventos e solenidades oficiais do município e professora de canto com desenvolvimento de metodologia própria.



A relação entre Arte, Corpo e Saúde Mental

Letícia Braga - Artista e Professora de Dança



Por muito tempo, a saúde mental foi associada principalmente ao pensamento, à linguagem verbal. No entanto, experiências humanas da ordem dos sentimentos frequentemente aparecem no corpo. Tensão muscular, alterações respiratórias, fadiga constante e inquietação são alguns exemplos.

Arte e movimento podem ser compreendidos como possibilidades de elaboração simbólica, expressão e produção de sentido. As experiências emocionais podem influenciar padrões corporais ao longo do tempo. Assim, o corpo é espaço vivo de memória, criação e expressividade.

A arte pode ser ferramenta potente de elaboração emocional, uma vez que o ato criativo pode ajudar a reorganizar experiências internas.

Os processos artísticos têm conquistado cada vez mais espaço em contextos educativos, comunitários e terapêuticos como recursos que favorecem expressão, pertencimento, criatividade e construção identitária.

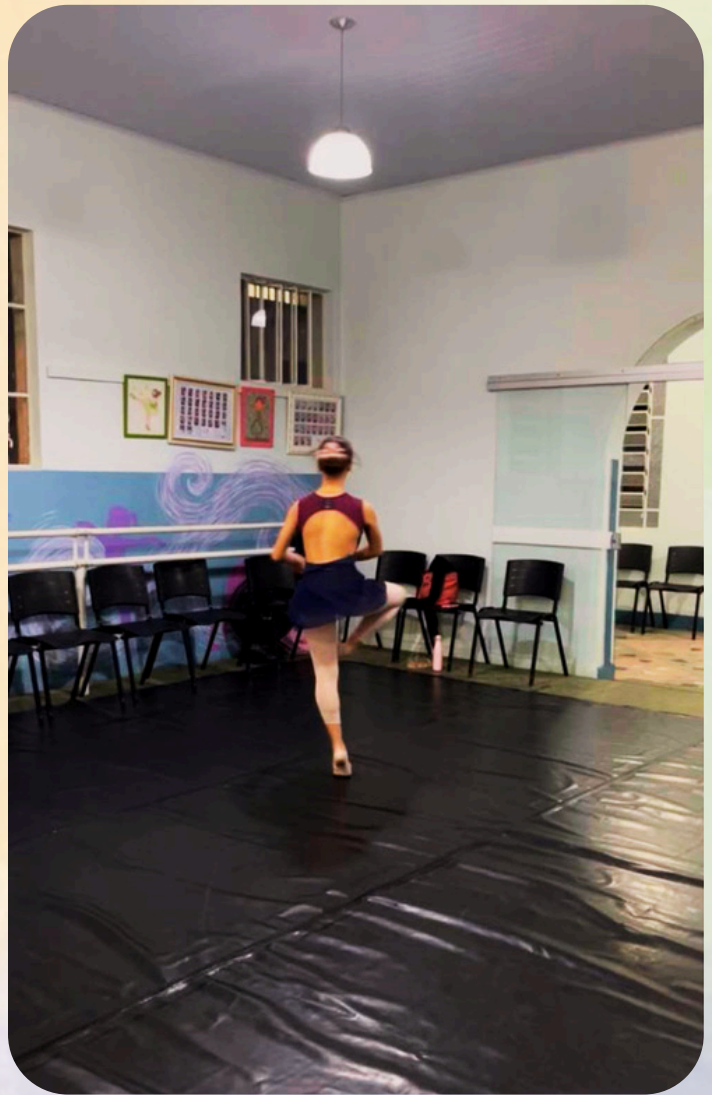
É importante frisar que a arte não é terapia e não substitui o acompanhamento psicológico, mas é uma poderosa ferramenta de autoconhecimento ao proporcionar meios de expressão.

A dança é frequentemente reduzida à técnica ou performance. Porém, muitas abordagens contemporâneas trabalham o movimento como prática de escuta corporal. O movimento deixa de ser sobre executar determinados passos e passa a provocar percepção de tensões, ritmos internos, impulsos e relações com o espaço, com o outro.

A consciência corporal pode favorecer maior percepção de estados emocionais, contribuindo para processos de autorregulação, autonomia e presença. Durante uma prática corporal, é possível investigar, por exemplo, como esse corpo existe, como responde ao mundo, quais histórias carrega.



Outro aspecto importante é o potencial comunitário da arte. Experiências em dança podem fortalecer vínculos sociais, elemento frequentemente associado à proteção em saúde mental. Em uma contemporaneidade marcada pela pressa e excesso de produtividade que favorecem o adoecimento mental, espaços de criação coletiva podem funcionar como potentes experiências de pertencimento, que são fundamentais para o acolhimento. A saúde mental também é afetada pelas condições afetivas e culturais que sustentam o indivíduo. Escutar o corpo é uma maneira profunda de reconhecimento.



Ritmos da Vida: como a Dança do Ventre redescobre o equilíbrio e a Força Feminina

Renata Marques - Pioneira na Dança do Ventre e Estilo Tribal em Barbacena, Professora e Bailarina

Em um mundo cada vez mais acelerado, muitas mulheres buscam atividades que promovam não apenas a saúde física, mas também o bem estar emocional e o reencontro com a própria identidade. Entre essas práticas, a Dança do Ventre tem conquistado espaço como uma poderosa ferramenta de autoconhecimento, fortalecimento e expressão feminina.

De origem no Oriente, a Dança do Ventre vai muito além dos movimentos graciosos que encantam o público. Sua prática envolve consciência corporal, coordenação motora, fortalecimento muscular e desenvolvimento da autoestima. Cada movimento de quadril, ondulação ou vibração convida a bailarina a perceber seu corpo de forma mais gentil e respeitosa, percebendo e valorizando as capacidades ignoradas pelo dia a dia, em vez de focar em padrões estéticos.

Para muitas mulheres, o primeiro contato com a modalidade acontece justamente pela busca de uma atividade física diferenciada. No entanto, é comum que elas descubram benefícios que ultrapassam o condicionamento físico. Muito além da postura, da melhora na flexibilidade, do auxílio no fortalecimento da região abdominal e pélvica e da contribuição para o equilíbrio corporal, a musicalidade e a expressividade presentes na dança ajudam a aliviar tensões e reduzir os efeitos do estresse cotidiano, criando um ambiente de acolhimento entre as praticantes e em âmbito pessoal. Diferentemente de espaços marcados pela competição, a Dança do Ventre costuma incentivar a cooperação e o apoio mútuo entre as participantes. Mulheres de diferentes idades, biotipos e histórias de vida compartilham experiências e aprendem juntas, criando laços de amizade e pertencimento.



A concentração exigida durante os movimentos ajuda a direcionar a atenção para o momento presente, enquanto a expressão artística permite que emoções sejam elaboradas de maneira criativa e saudável. Muitas praticantes relatam aumento da autoconfiança, melhora da percepção corporal e maior segurança para enfrentar desafios da vida cotidiana. A praticante começa a se enxergar com "novos olhos".

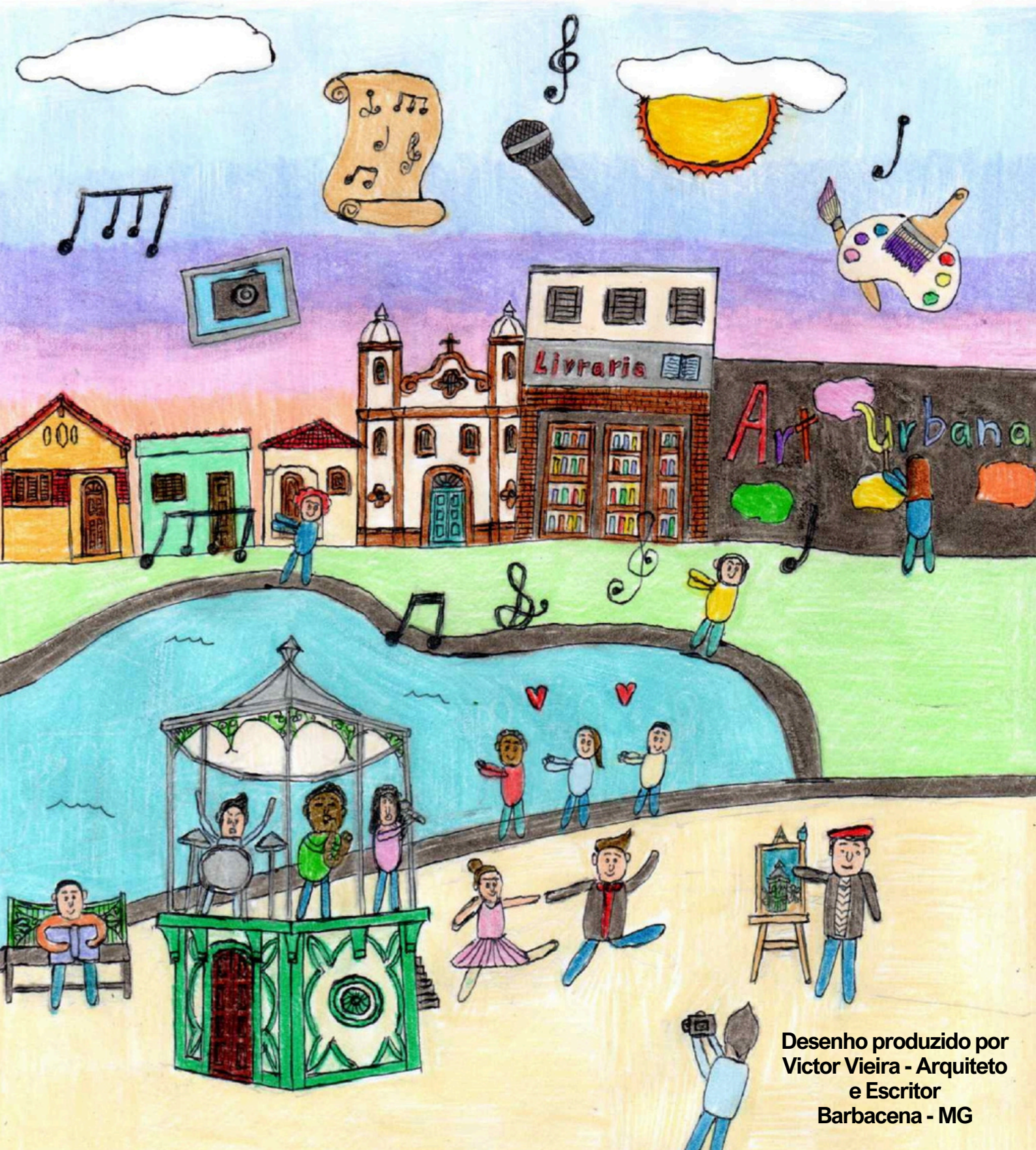
A Dança do Ventre também desempenha um papel importante na valorização da diversidade feminina. Ao contrário da ideia equivocada de que existe um "corpo ideal" para dançar, a modalidade celebra a individualidade de cada mulher. Os movimentos podem ser adaptados às diferentes condições físicas, tornando a prática acessível para crianças, iniciantes, pessoas maduras e até mesmo para quem nunca teve experiência anterior com dança.

Mais do que uma atividade física ou uma manifestação artística, a Dança do Ventre representa um caminho de reconexão consigo mesma. Em cada passo, cada giro e cada batida da música, mulheres encontram a oportunidade de resgatar sua força, sua sensibilidade e sua autenticidade. Ao unir tradição, arte e bem-estar, a Dança do Ventre continua transformando vidas e mostrando que o verdadeiro equilíbrio nasce quando corpo, mente e emoção dançam em harmonia.



“As artes não são uma maneira de ganhar a vida. Elas são uma maneira muito humana de tornar a vida mais suportável. Praticar uma arte, não importa quão bem ou mal seja, é uma maneira de fazer sua alma crescer.”

Kurt Vonnegut Jr.



Desenho produzido por
Victor Vieira - Arquiteto
e Escritor
Barbacena - MG

Para publicar poemas, contos, crônicas, resenhas ou divulgar artes visuais e música no Jornal Travessia entre em contato com os membros do PVMCA pelo Instagram @pvmca_fame



TRAVESSIA

O Jornal de Arte e Cultura da Faculdade de Medicina de Barbacena

Faculdade de Medicina de Barbacena - FAME/FUNJOBE
Praça Presidente Antônio Carlos, 8, São Sebastião.
CEP: 36202-336, Barbacena-MG
Portal: <https://famebarbacena.com.br/>